

# Farmacêutico: seu papel não-tradicional X estresse e saúde pública<sup>1</sup>

Cristiane Koeche<sup>2</sup>  
Sônia da Costa Fengler<sup>3</sup>

## Resumo

Apesar de o estresse sempre estar presente na vida das pessoas, poucas têm conhecimento do que ele realmente é e como age no organismo. Ele constitui-se num mecanismo adaptativo essencial de todos os seres vivos sendo definido por Seyle (citado por França; Rodrigues, 1996) como “um conjunto de reações que um organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige esforço de adaptação”. Verifica-se então que, de certa forma, ele é algo vital ao organismo, não sendo possível eliminá-lo, mas sim saber administrá-lo para que se mantenha no seu nível positivo, o qual denomina-se de eutresse. Quando mal administrado, o estresse atinge seu lado negativo – o chamado distresse – que pode ocasionar patologias graves e até levar a morte.

<sup>1</sup> Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de farmacêutico.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Farmácia da Unijui.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Filosofia e Psicologia, graduada em Farmácia/UFMS, graduada em Psicologia/Unijui e mestre em Educação nas Ciências/Unijui.

A atual organização do trabalho, que estabelece jornadas prolongadas, ritmos acelerados de produção e a substituição do homem pela máquina, ocasionando, conseqüentemente, uma mudança dramática no que se refere ao número de empregos existentes e às capacitações requeridas para exercê-los, aliada à época extremamente competitiva em que estamos vivendo, ressaltam as desigualdades sociais e contribuem para a propagação do estresse entre os trabalhadores.

O fator decisivo na questão da saúde é a construção de uma sociedade com novos modelos políticos que produzam um novo sistema de valores na cultura social em que se tenha como prioridade a qualidade de vida, em que a compreensão real de tal fato irá exigir a própria transformação do indivíduo sendo fundamental que este colabore como um cidadão preocupado com o bem-estar e a saúde pública.

Partindo deste contexto, o farmacêutico, como cidadão e profissional, pode e deve contribuir com a saúde pública, através da atenção farmacêutica adequada, atuando não só nas farmácias e drogarias mas também nas secretarias de saúde, postos e hospitais públicos. Como se sabe, e está previsto na Lei 8080/90 do SUS, é de direito de cada cidadão o “acesso a todos os níveis de atenção à saúde, inclusive ao de assistência farmacêutica” a qual, no Brasil, ainda é praticada como mera distribuição de medicamentos, sendo desenvolvida como uma atividade burocrática que se limita à entrega de medicamentos aos usuários, de acordo com normas, tratando-se, portanto, de uma conduta orientada por uma visão simplista e simplificadora, sendo que seu papel não é tão restrito como se apresenta na sociedade.

Verifica-se que o papel do farmacêutico constitui-se em: *tradicional* que é voltado aos medicamentos, como a formulação, produção oficial e industrial, controle de qualidade, armazenamento e distribuição, dispensação, farmácia comunitária e assistencial, informação

científica voltada para a comercialização; e o *não-tradicional*, o qual, normalmente, não é lembrado, cujo deveria ser incorporado ao tradicional com a concepção de estar voltado para o indivíduo e comunidade na promoção da saúde, prevenção de doenças, atenção primária à saúde, referência de atenção, educação em saúde, informação farmacológica, terapêutica e toxicológica, formulação de políticas e planejamento em saúde, enfim, não se detendo apenas a questões mais técnico-científicas, mas sim relacionadas para as demais necessidades e carências da população.

É necessário ressaltar que o espaço para a atuação do farmacêutico no desenvolvimento da assistência adequada, principalmente no que se refere ao desenvolvimento do seu papel não-tradicional, é extremamente limitado. Fato este que não é recente e que foi “imposto” e aceito pelo farmacêutico. Neste sentido, é imprescindível que este se imponha e conquiste seu espaço nas equipes de saúde, principalmente nos setores públicos, mostrando que sua participação juntamente com os demais profissionais da área – através da organização de campanhas de conscientização e esclarecimentos sobre o estresse – é essencial na promoção da saúde e que sua contribuição é importante para minimizar um dos maiores vilões da saúde pública no Brasil.

## Bibliografia

BLACK, Joyce M.; JACOBS, Esther M. *Enfermagem médico-cirúrgica: uma abordagem psicofisiológica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. 1.v. p. 44-51.

CARPENITO, L. J. *Diagnóstico de enfermagem: Aplicação à prática clínica*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 208-212.

\_\_\_\_\_. *Manual de diagnóstico de Enfermagem*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 444.

CARPENITO, L. J. *Manual de diagnóstico de Enfermagem*. 8.ed. Artes Médicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001. p. 183, 474.

DEITOS, Fátima; GASPARY, Francisco P. e col. *Mito de Ulisses: Estresse, Câncer & Imunidade*. Santa Maria: Kaza do Zé, 1997. 194p.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologias do trabalho*. 5.ed. ampl. São Paulo: Cortez – Abore, 1992. 168p.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELLI, E. JAYET, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994. 145p.

DELBONI, Thais Helena. *Vencendo o Stress: como melhorar relações de trabalho para viver melhor*. São Paulo: Makron Backs, 1997. 100p.

DUPUY, J. P.; KARSENTY, S. *A invasão farmacêutica*. Lisboa: Socicultur, 1977. 269p.

FRANÇA, Ana Cristina L.; RODRIGUES, Avelino Luiz. *Stress e trabalho: guia básico com abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas, 1996. p. 18-39.

GAS, Beverly Witte Du. *Enfermagem prática*. 2.ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1984. p. 7-11.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. *Tratado de fisiologia médica*. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. 1014p.

HARMAN, W.; HORMANN, J. *O trabalho criativo: o papel construtivo dos negócios numa sociedade em transformação*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 27, 39, 59, 174, 180.

HOOD, G. H.; DINCHER, J. R. e col. *Fundamentos e prática da enfermagem: atendimento completo ao paciente*. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992. p. 18, 99.

HUNTLY, W. L. *Higiene individual e saúde pública: manuais de enfermagem*. Bailliere: Publicações Europa-America, 1969. p. 48-57.

KAMEL, D. *Noções básicas de nutrição e psicologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1978. p. 57-61.

MAHAN, L. K. *Krause: alimentos, nutrição e dietoterapia*. 9.ed. São Paulo: Roca, 1998. p. 679-680, 683, 685-687.

MICHAL, M. Stress. *Roche*, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[www.roche.com.br/rch/berocca](http://www.roche.com.br/rch/berocca)>. Acesso em: 18 jul. 2001.

NERI, A. Stress: o que é isso? *Senioridade*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <[www.senioridade.com.br/stress6.htm](http://www.senioridade.com.br/stress6.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2001.

RIEGEL, R. E. *Bioquímica*. 2.ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1998. p. 371, 374.

ROITT, I.; BROSTOFF, J.; MALE, D. *Imunologia*. 5.ed. São Paulo: Manole, 1999. p. 4, 405.

SILVA, E. S. et al. *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Traço, 1986. 159p.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G. e col. *Brunner e Suddarth's: Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 822p.